

Deputado monta estúdio no Congresso e cria rádio monarquista

Cunha Bueno faz do gabinete uma "estação real"

RUDOLFO LAGO

BRASÍLIA — Após uma música de Chitãozinho e Xororó e uma propaganda de analgésico, a palavra volta ao locutor, que chama o Deputado Cunha Bueno (PDS-SP) em seu gabinete, no Congresso, para discutir a implantação da monarquia parlamentarista no Brasil. Este programa tem sido levado ao ar quase diariamente há três meses. Enquanto parlamentaristas e presidencialistas discutem o sistema de governo que defenderão para o plebiscito de 7 de setembro de 1993, o principal defensor da monarquia no Congresso começou sua campanha. Cunha Bueno montou em seu gabinete, na Terceira Secretaria da Câmara, um estúdio completo de rádio, com

central de transmissão, microfones e fones de ouvido, de onde transmite programas de rádios para todo o País.

Foi o radialista Garcez Almeida o descobridor desta forma barata de fazer campanha. Com a programação sempre atualizada, ele entra em contato com as emissoras e sugere entrevista ou debate com Cunha Bueno, como opção de programa jornalístico. Fica a critério da rádio convidar entrevistadores e debatedores, que participam nos estúdios da emissora. De seu gabinete, Cunha Bueno conversa com eles.

Na maior parte das vezes, o custo da operação para Cunha Bueno é zero, pois os telefonemas são pagos pela rádio. Pouco antes do início do programa, a emissora liga para o gabinete. O sistema só tem uma desvantagem: a linha pode cair no meio do programa. Para evitar esse risco, às vezes Cunha Bueno aluga linha da Embratel, a Cr\$ 7 mil por hora.

Foto de Paulo Moreira



Monarquista Cunha Bueno: entrevistas e debates através do rádio

Sarney também fazia campanha com este sistema

BRASÍLIA — Antes de vender a idéia a Cunha Bueno, o radialista Garcez Almeida teve como primeiro cliente o então Vice-Presidente Aureliano Chaves, quando tentou lançar-se à sucessão do Presidente Figueiredo. Mais preocupado, porém, com as articulações de bastidores que poderiam garantir sua vitória no Colégio Eleitoral, Aureliano não se valeu muito do instrumento: só fez dois programas. Mais tarde, foi a vez de José Sarney, em campanha para Vice-Presidente.

No caso de Sarney, Garcez usava tática mais sutil. Estigmatizado por setores de esquerda da Aliança Democrática, Sarney não tinha o mesmo espaço do candidato à Presidência, Tancredo Neves, e era difícil vendê-lo para programas jornalísticos.

Assim, Garcez escolhia os programas mais populares, esperava que eles entrassem no ar e telefonava. Quando o produtor do programa atendia, informava que havia alguém que queria falar com o locutor.

— Quando eu dizia, para o produtor de uma rádio do Acre ou de Roraima, que a pessoa era o Senador José Sarney, o sujeito entrava em delírio. Era impossível recusar — conta Garcez.

Cunha Bueno tem participado de três a quatro programas de rádio por dia. Na quinta-feira passada, começou às 7 horas, participando do programa "Fala Povo" da Rádio Cultura, de Aracaju. As 8 horas, estava no "Grande Jornal Falado", da Rádio Brasil Central, de Goiânia. Ao meio-dia, debatia com jornalistas de Itabuna, no programa "Na Boca do Povo", da Rádio Difusora de Itabuna (BA). Dessa forma, Cunha Bueno já participou de programas de rádio em 19 Capitais e 11 cidades do Interior.